

## Índice

Um Dia Ideal para o Peixe-Banana	13
Pai Torcido no Connecticut	27
Pouco antes da Guerra com os Esquimós	43
O Homem Gargalhada	57
Em baixo no Bote	73
Para Esmé — com Amor e Sordidez	85
Linda Boca e Verdes Meus Olhos	109
O Período Azul de De Daumier-Smith	123
Teddy	153

## Um Dia Ideal para o Peixe-Banana

Havia noventa e sete publicitários no hotel e, pelo modo como monopolizavam as linhas de longa distância, a rapariga do 507 teve de esperar do meio-dia até quase às duas e meia para lhe passarem uma chamada. Mas aproveitou o tempo. Leu um artigo numa revista feminina de bolso, intitulado «O Sexo é o Paraíso... ou o Inferno». Lavou o pente e a escova. Tirou a nódoa da saia do fato bege. Mudou o botão da blusa da Saks. Arrancou dois pelos que havia pouco lhe tinham aparecido num sinal. Quando a telefonista finalmente ligou para o quarto, estava sentada no banco da janela e quase a acabar de pôr verniz nas unhas da mão esquerda.

Era daquelas pessoas a quem um telefone a tocar não faz com que larguem tudo. Era como se o telefone dela tivesse estado a tocar continuamente desde que atingira a puberdade.

Pegando no pequeno pincel do verniz, enquanto o telefone tocava, acabou a unha do dedo mindinho, acentuando o contorno da meia-lua. Colocou então a tampa no frasco de verniz e, levantando-se, agitou a mão esquerda — ainda húmida — de um lado para o outro. Com a mão seca, pegou num cinzeiro a abarrotar do banco da janela e levou-o para a mesinha de cabeceira, onde estava o telefone. Sentou-se numa das camas e — era o quinto ou sexto toque — levantou o auscultador.

— Está — disse ela, mantendo os dedos da mão esquerda esticados e afastados do roupão de seda branca, que era tudo o que tinha vestido, além dos chinelos... deixara os anéis na casa de banho.

— Tenho aqui a sua chamada para Nova Iorque, Sra. Glass — disse a telefonista.

— Obrigada — disse a rapariga, e arranjou um lugar para o cinzeiro em cima da mesa de cabeceira.

Chegou-lhe uma voz de mulher. — Muriel? És tu?

A rapariga afastou ligeiramente o auscultador do ouvido. — Sim, mãe. Como estás? — disse ela.

— Tenho estado preocupada como tudo contigo. Porque não telefonaste? Estás bem?

— Tentei ligar-te ontem e anteontem à noite. O telefone aqui tem estado...

— Tu estás bem, Muriel?

A rapariga aumentou o ângulo entre o auscultador e o ouvido. — Estou ótima. Estou com calor. Hoje é o dia mais quente que já se viu na Florida em...

— Porque não ligaste? Tenho estado preocupada como...

— Mãe, querida, não grites. Estou a ouvir-te lindamente — disse a jovem. — Liguei para ti duas vezes ontem à noite. Uma logo a seguir a...

— Eu *disse* ao teu pai que se calhar ias ligar ontem à noite. Mas, não, ele tinha de... Tu estás bem, Muriel? Diz-me a verdade.

— Estou ótima. Pára de me perguntar isso, por favor.

— Quando é que chegaram?

— Não sei. Quarta de manhã, cedo.

— Quem guiou?

— Ele — disse a jovem. — E escusas de ficar nervosa. Guiou lindamente. Até fiquei admirada.

— Guiou *ele*? Muriel, deste-me a tua palavra de...

— Mãe — interrompeu a rapariga —, já te disse que guiou lindamente. A menos de oitenta o caminho todo, para dizer a verdade.

— Ele pôs-se com aquelas coisas dele com as árvores?

— Eu *disse* que ele guiou lindamente, mãe. Vá, por favor. Pedi-lhe para não se afastar da linha branca, e isso tudo, e ele percebeu o que eu queria dizer, e fez o que eu pedi. Até fazia por não olhar para as árvores... via-se que sim. A propósito, o papá mandou arranjar o carro?

— Ainda não. Eles pedem quatrocentos dólares, só para...

— Mãe, o Seymour *disse* ao papá que pagava. Não há razão para...

— Bem, logo se vê. Como se portou ele... no carro e tal?

- Muito bem — disse a rapariga.
- Continua a chamar-te aquele horroroso...
- Não. Agora tem um novo.
- Qual é?
- Oh, isso que interessa, mãe?
- Muriel, eu quero *saber*. O teu pai...
- Está bem, está bem. Chama-me Miss Vagabunda Espiritual 1948 — disse a rapariga com um risinho.
- Não tem piada, Muriel. Não tem piada nenhuma. É horroroso. No fundo, é *triste*. Quando penso em como...
- Mãe — interrompeu a rapariga —, ouve. Lembras-te daquele livro que ele me mandou da Alemanha? Sabes... o dos poemas alemães. Que é que eu lhe *fiz*? Tenho dado voltas à...
- Ainda o tens.
- Tens a *certeza*? — disse a rapariga.
- Absoluta. Isto é, quem o tem sou eu. Está no quarto do Freddy. Deixaste-o cá e como não havia sítio no... Porquê? Ele quer-o?
- Não. Só me *perguntou* por ele, quando vínhamos para cá. Queria saber se eu o tinha lido.
- Era em alemão!
- Era, querida. Mas isso não quer dizer nada — disse a rapariga, cruzando as pernas. — Ele disse que por acaso os poemas foram escritos pelo *único grande poeta do século*. E disse que eu devia ter comprado uma tradução ou assim. Ou *ter aprendido alemão*, nem mais nem menos.
- Um horror, um horror. É *triste*, no fundo, é mais isso. O teu pai ontem à noite disse...
- Só um segundo, mãe — disse a rapariga. Foi buscar os cigarros ao banco da janela, acendeu um, e voltou a sentar-se na cama. — Mãe? — disse ela, exalando o fumo.
- Muriel. Agora, ouve uma coisa...
- Estou a ouvir.
- O teu pai falou com o doutor Sivetski.
- Ah? — disse a rapariga.
- Ele contou-lhe *tudo*. Pelo menos, foi o que ele disse... Sabes como é o teu pai. As árvores. Aquela história com a janela. Aquelas coisas horríveis que ele disse à avó, quando lhe perguntou se já tinha

planos para a morte dela. O que ele fez com aquelas belas fotografias das Bermudas... *Tudo*.

— E então? — disse a rapariga.

— Então, diz ele que para já foi um verdadeiro *crime* o Exército tê-lo deixado sair do hospital... Dou-te a minha palavra de honra. E disse *muito claramente* ao teu pai que havia uma probabilidade... uma *grande* probabilidade, disse ele, de o Seymour perder *completamente* o controlo. Dou-te a minha palavra de honra.

— Há um psiquiatra aqui no hotel — disse a rapariga.

— *Quem?* Qual é o nome dele?

— Não sei. Rieser ou coisa assim. Dizem que é muito bom.

— Nunca ouvi falar dele.

— Bem, dizem que é muito bom, pelo menos.

— Muriel, não me fales assim, fazes favor. Estamos *muito* preocupados contigo. O teu pai esteve para te mandar um telegrama *on-tem à noite* para vires embora, para dizer a verda...

— Não faço tenções de ir embora para já, mãe. Por isso, escusas de te enervar.

— Muriel. Dou-te a minha palavra de honra. O doutor Sivetski disse que o Seymour pode perder *completamente* o contr...

— Ainda agora *cheguei*, mãe. Estas são as primeiras férias que eu tenho desde há anos, não vou agora *fazer as malas* e ir-me embora — disse a rapariga. — De qualquer modo, agora não podia fazer a viagem. Apanhei um tal escaldão que mal me posso mexer.

— Estás muito queimada? Não usaste aquele boião de *Bronze* que te pus na mala? Pu-lo mesmo no...

— Eu usei-o. Mas fiquei queimada na mesma.

— Que horror. Onde é que estás queimada?

— No corpo todo, querida, no corpo todo.

— Que horror.

— Não morro desta.

— Diz-me uma coisa, falaste com esse tal psiquiatra?

— Bem, de certo modo — disse a rapariga.

— Que é que ele disse? Onde é que estava o Seymour quando falaste com ele?

— No Salão Oceano, a tocar piano. Esteve lá a tocar piano nestas duas noites, desde que chegámos.

— E então, que disse ele?

— Oh, pouca coisa. Foi ele que falou comigo primeiro. Eu estava sentada ao lado dele no Bingo ontem à noite, e ele perguntou-me se não era o meu marido que estava a tocar piano na outra sala. Eu disse que sim, que era, e ele perguntou-se se o Seymour tinha estado doente ou assim. E então eu disse...

— Porque é que ele perguntou isso?

— *Não* faço ideia, mãe. Se calhar é por ele estar tão pálido e assim — disse a rapariga. — Seja como for, depois do Bingo ele e a mulher perguntaram-me se não queria ir beber um copo com eles. Eu disse que sim. A mulher dele é horrível. Lembras-te daquele vestido de noite horroroso que vimos na montra da Bonwit? Aquele que tu disseste que só quem tivesse um pequeníssimo...

— O verde?

— É o que ela trazia. Era só ancas. Não parou de me perguntar se o Seymour era alguma coisa àquela Suzanne Glass que tem aquela loja em Madison Avenue... a loja de chapéus.

— Mas que é que ele diz? O médico.

— Ah. Não disse grande coisa, realmente. Quer dizer, estávamos no bar e tal. Havia um barulho horroroso.

— Sim, mas contaste... contaste-lhe o que ele tentou fazer com a cadeira da avó?

— *Não*, mãe. Não entrei muito em pormenores — disse a rapariga. — Talvez tenha ocasião de voltar a falar com ele. Ele passa o dia *todo* no bar.

— Ele disse se achava provável que ele pudesse ficar... tu sabes... esquisito ou assim? Fazer-te alguma coisa, a ti!

— Não é bem assim — disse a rapariga. — Tinha de ter mais dados, mãe. Eles têm de saber coisas sobre a infância das pessoas... essas tretas todas. Já te disse, mal se podia falar, havia muito barulho.

— Bem. Que tal te fica o casaco azul?

— Muito bem. Mandei tirar um pouco dos chumaços.

— Como *são* as roupas este ano?

— Terríveis. Mas uma coisa do outro mundo. Veem-se lantejoulas... tudo — disse a rapariga.

— Que tal o teu quarto?